

Pesquisa, dialogismo e produção de sentidos

Research, dialogism and meaning production

Investigación, dialogismo y producción de sentidos

Paloma Dias Silveira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil

Margarete Axt

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo

O presente artigo discute a prática de pesquisa em ciências humanas a partir do conceito de *dialogismo*, desenvolvido pelo filósofo Mikhail Bakhtin. A teoria dialógica bakhtiniana possibilita pensar a relação pesquisador-pesquisado no escopo da investigação que trabalha com a intervenção no campo. Além disso, a interlocução desta teoria com a filosofia de Henri Bergson adensa nossa reflexão na perspectiva da produção de sentidos na análise realizada pelo pesquisador, desviando de lógicas deterministas que conduzem à fixação de um único sentido durante o exercício da interpretação.

Palavras-chave: Dialogismo; Produção de Sentidos; Interpretação.

Abstract

The purpose of the present article is to discuss research practices in the human sciences through the concept of *dialogism* developed by Russian philosopher Mikhail Bakhtin. Dialogical theory allows us to think the relation between researcher and the object of study within the scope of a research practice that intervenes in its field. Furthermore, the discourse between this theory and Henri Bergson's philosophy deepens our reflection on the perspective of meaning production within the researcher's analyses by deviating from deterministic logics which tend to limit interpretation to one single meaning.

Keywords: Dialogism; Meaning Production; Interpretation.

Resumen

En este artículo se discute la práctica de investigación en Humanidades por medio del concepto de dialogismo desarrollado por el filósofo Mikhail Bakhtin. La teoría dialógica de Bakhtin permite pensar la relación investigador-investigado en el contexto de la investigación

que trabaja con la intervención en el campo. Al mismo tiempo, el diálogo de esta teoría con la filosofía de Henri Bergson profundiza nuestro pensamiento desde la perspectiva de la producción de sentido en el análisis realizado por el investigador, a diferencia de una lógica determinista que conduce a la fijación de un único sentido durante el ejercicio de interpretación.

Palabras clave: Dialogismo; Producción de Sentidos; Interpretación.

A possibilidade de construir uma prática de pesquisa em ciências humanas na perspectiva do *dialogismo* desenvolvido por Mikhail Bakhtin é o cerne deste texto. Orientamo-nos para um ato de pesquisar aberto ao devir, à criação, à produção de sentidos pelo pesquisador, sem que este deixe de realizar um acabamento ético que conduza à produção de conhecimentos e de novos conceitos para interpretação do mundo.

Vemo-nos, no campo da pesquisa, com a tarefa de exercer uma reflexão sobre a realidade que englobe o movimento incessante, o devir e a imprevisibilidade, o inacabamento, a produção de sentidos, a ética, em oposição a tudo aquilo que enquadra a realidade do homem de forma conclusiva, insensível à permanente mudança.

É no encontro entre Henri Bergson (1859-1941)¹, filósofo francês, e Mikhail Bakhtin (1895-1975)², filósofo russo, que um modo de pensar e fazer pesquisa se adensa, envolvido numa rede de conceitos que tensiona o problema da produção de

um mundo fixado e objetivado pelo nosso olhar e a vida em sua realidade movente em processo de ser.

Nossa existência é orientada cotidianamente para a ação prática. Estamos sempre atentos a tudo que se relaciona com nossas ações mais imediatas. No entanto, Bergson³ nos convoca a pensar que uma característica do nosso olhar voltado exclusivamente à ação prática é que nos faz ver o que ele chamou de uma *realidade imóvel* e dela fazemos a ideia de um universal. Partimos para generalizações, como se esta realidade representasse o todo da vida. Frente à urgência para descobrir o que fazer, de suprir esta demanda de ação tão presente na vida cotidiana, a operação mais comum é a de fixar pontos norteadores. Para isso, o procedimento utilizado é cortar a *realidade movente* da vida, o real em devir, introduzindo uma descontinuidade naquilo que é puramente fluxo. Deste corte surge uma imagem que denominamos “realidade”, e esperamos que represente a complexidade humana.

O que trazemos a partir da ideia de

realidade movente, conceituada por Bergson em *O pensamento e o movente* (2006), podemos também pensar na perspectiva do *Ser-evento* ou *existir-evento*⁴, construção de Bakhtin⁵, em sua obra *Para uma filosofia do ato responsável* (2010). O existir-evento diz respeito a esta existência singular no mundo em que nossos atos são realizados uma única vez, um mundo em-processo-de-ser, que se modifica a cada instante. Esta proposta de reflexão no encontro dos dois autores não caminha no sentido de uma equivalência teórico-conceitual, mas enquanto linhas que apontam para uma mesma direção: pensar a vida como um evento, um fluxo contínuo gerador de mudanças, uma complexa arquitetônica que não podemos compreender unicamente através de recortes já realizados no seu todo singular e irrepetível. É preciso ir além para adensar nosso entendimento, reconhecer esta singularidade e tentar tomar dela múltiplas vistas.

Um ponto de interlocução entre Bakhtin e Bergson parece estar em torno de pensar o mundo concreto das experiências humanas na sua articulação com o pensamento teórico-filosófico. E nessa direção nos fazem ver que a realidade imóvel que postulamos para orientar nossas ações práticas mais cotidianas e reproduzíveis distingue-se da vida em sua realidade movente, contínua

criação de novidade.

Bergson explicita seu descontentamento com os sistemas filosóficos, pois analisa que estes são demasiadamente largos, desconectados das experiências concretas. Quando se trata de pensar a vida em sua realidade movente, esses sistemas se tornam imprecisos, pois se cria um vazio entre as explicações filosóficas e aquilo que é da ordem do vivido. Em oposição à imprecisão, quando os objetos são abarcados em sistemas amplos e generalizados, a precisão advém quando são percebidas, além das regularidades, as singularidades do objeto, levando à criação de conceitos mais adaptados às ondulações do real. Um pensamento preciso é um pensamento capaz de acompanhar o liberto da borboleta, ao invés do pensamento que quer “... dissertar sobre o envoltório do qual se libertará a borboleta volante, cambiante, viva”, para encontrar sua “... razão de ser e seu remate na imutabilidade da película. Retiremos, pelo contrário, o envoltório. Despertemos a crisálida”⁶.

Um dos modos de pesquisar que acolhe esta perspectiva da singularidade e do movente, a qual tematizamos neste artigo, é a pesquisa que trabalha com a intervenção do pesquisador diretamente no campo. A intervenção do pesquisador entendida como um ato único, irrepetível, que produz movimento, e que entra em

diálogo com os dizeres e fazeres dos sujeitos pesquisados, em contextos diversos, como por exemplo, a pesquisa em educação que se insere no interior da escola. Mencionamos, para ilustrar, a pesquisa de tese de doutorado da primeira autora deste artigo⁷, em que o objetivo foi dar visibilidade ao processo de formação continuada, em serviço, de um grupo de professoras da educação infantil, traçando suas relações com a criação no trabalho docente. Ou seja, havia uma problemática em torno do enlace entre formação continuada e possibilidades de criação no trabalho docente.

Além de acompanhar a formação continuada das professoras, na situação de campo, do ponto de vista dos objetivos da pesquisa, a pesquisadora também acompanhou este processo na posição de formadora daquelas professoras participantes da pesquisa, ou seja, tornou-se sujeito implicado no processo que estava analisando. Dai decorrem muitas indagações, como o que diz respeito ao modo de implicação do pesquisador no campo da pesquisa, produzindo intervenções as quais ele mesmo irá analisar posteriormente; assim como a que refere à produção de uma análise enquanto interpretação de uma situação na qual estava implicada, sem cair na armadilha das relações de causa e efeito, ou seja, no caso da pesquisa mencionada, o desafio da

produção de uma análise que desviasse do risco de vincular automaticamente os discursos e práticas produzidos pelas professoras em formação como efeitos diretos de um trabalho de intervenção da pesquisadora-formadora⁸.

Estamos falando, portanto, de algo muito delicado e que não raro se apresenta nas relações em que o pesquisador produz intervenções no campo, situações como aquela em que o pesquisador não é apenas aquele que vai ao campo “coletar dados”, mas que, implicado no campo, ele produz dados, se tornando parte do coletivo que analisa. Na teoria dialógica de Bakhtin encontramos as ferramentas conceituais para discutir o trabalho do pesquisador que vive esta relação. Este tema tem sido desenvolvido por estudiosos preocupados com a metodologia de pesquisa em ciências humanas, como Axt (2008; 2011a; 2011b) e Amorim (2004; 2009). As discussões nos levam a pensar que a posição do pesquisador implicado no campo, produzindo intervenções e enunciados interpretativos que resultam no texto da pesquisa, é uma posição que tem como princípio potente a *dialogia* na relação pesquisador-pesquisado.

O pesquisador que intervém participa da realidade movente da vida no campo que pesquisa, está em diálogo com os sujeitos da pesquisa, o que o torna

responsável frente aos mesmos, responsável por sustentar uma relação ética que não torne o seu *outro* mero objeto de investigação, isento de voz e de participação. Se o pesquisador está implicado na realidade movente, o seu trabalho de interpretação deverá ser capaz de dizer algo deste movente, desta vida em movimento, dos sentidos produzidos no campo, em vez de produzir uma imagem fixa a ser transmitida como verdade única e absoluta a ser enunciada.

O pesquisador, nesta condição implicada, de intervenção e de relação dialógica, terá a oportunidade de escrever um texto de pesquisa enquanto um texto repleto de sentidos, sentidos moventes que enunciam saberes tecidos no contexto de uma experiência singular no campo, saberes que trazem a novidade emergida em encontros singulares, em tempos e espaços únicos, que podem ser interpretados à luz de conceitos teóricos já conhecidos, assim como levando à produção de conceitos outros, novos conhecimentos. Desta forma, não se nega a possibilidade de objetivação na pesquisa em ciências humanas, ao contrário, ela é essencial, mas sempre acompanhada desta tensão com o processo de produção de novos sentidos, que envolve a subjetividade do pesquisador, desde a sua inserção no campo até o trabalho da interpretação.

A intervenção e o dialogismo na pesquisa

No estudo de Axt (2008) discute-se o que autora nomeia como o pressuposto dialógico na pesquisa, desdobrando-o nas seguintes reflexões:

- “A pesquisa em ciências sociais e humanas tem como condição a dialogia”⁹. A partir do conceito de dialogismo, com base na obra de Bakhtin, compreende-se que os sujeitos não podem ser estudados como objetos mudos. O conhecimento que se pode ter em torno do sujeito somente pode ser construído pela via do diálogo, dando-lhe oportunidade para manifestar sua voz, enquanto uma voz que interfere na pesquisa e nos seus resultados. Assim, no âmbito das experimentações, no campo da pesquisa, o sujeito da pesquisa torna-se parceiro do pesquisador, num contexto dialógico de interlocução, que é o modo pelo qual um se revela ao outro.

- “O estar implicado no contexto de produção da experimentação, considerar a relação dialógica do pesquisador com os contextos de pesquisa, nos quais ele próprio imerge (vale dizer, com os coletivos que aí habitam e dos quais ele próprio se torna parte integrante), retira do pesquisador a possibilidade autoritária de explicação monológica e de tradução literal”¹⁰.

Este princípio aponta para um entendimento do pesquisador enquanto sujeito interpretante, tendo como base a impossibilidade de uma tradução literal dos contextos de realidade. Os achados da pesquisa resultam de sua implicação no campo empírico e da forma como interpreta os enunciados com os quais dialoga.

Esta implicação ocorre na medida em que o pesquisador atua numa relação de parceria com os sujeitos que habitam o campo da pesquisa. Ao assumir esta relação de parceria (que, alertamos, vai além de boas relações de amizade com os sujeitos, mas envolve, para o pesquisador agenciado à produção de um discurso acadêmico-científico, uma responsabilidade ética), estão criadas condições para que o pesquisador trabalhe realizando intervenções no campo, as quais produzem ressonâncias no contexto dialógico da pesquisa. Na perspectiva de Axt¹¹, podemos falar mais propriamente de *in(ter)venção*, como “aquele ato que não se reproduz, sendo único e irreversível, emergindo exatamente num certo espaço-tempo, o contexto para o qual foi inventado...”.

O pesquisador produz *in(ter)venções* no campo, criando, no coletivo, um movimento único, que não pode ser repetido em outro contexto. Além

de criar o movimento, na pesquisa que tem a dialogia como pressuposto, a tarefa do pesquisador é estar atento a estes movimentos dos quais ele mesmo faz parte, mapeando-os e produzindo suas interpretações, sensível ao trajetar do coletivo composto por pesquisador e parceiros da pesquisa, resultando em um mapa dos movimentos acionados pela *in(ter)venção*. Assim: “... a partir da experimentação, a própria *analítica* se dá também em *processo*, nos fluxos e movimentos que atravessam o próprio plano da experimentação, configurando um operar *cartográfico*, um movimento de ‘*leitura flutuante*’ em meio aos enunciados registrados, mapeando os pontos de intensidade bifurcativa e suas derivações”¹².

No escopo de uma prática dialógica, a *in(ter)venção* do pesquisador instaura condições de experimentação na pesquisa. E a experimentação, em sua efetuação criadora disparada pela *in(ter)venção*, pode ser profundamente relacionada à escrita. A escrita é entendida como um dispositivo que dá corpo à relação dialógica instaurada no campo, que dá corpo às vozes em relação e que permite problematizá-las no plano do pensamento e da produção de sentidos. Toda a escrita no campo é uma experimentação que dá corpo à relação, seja a escrita do pesquisador, no seu diário de campo, seja a escrita dos parceiros, todo

texto pode ser dispositivo para o pensamento em torno dos trajetos do coletivo em que o pesquisador é participante ativo e onde constrói sua problemática.

Uma experimentação, no plano da pesquisa e formação, em nossa ótica, trata de constituir, como apoio às relações de convivência na linguagem, condições para a escrita: nas relações presenciais, tem o *diário* (de bordo, de campo, ou caderno de anotações ou de relatos...), explorado com o propósito concreto de abrir e marcar espaços-tempo singulares para a voz do outro-participante da pesquisa-formação¹³.

Desta forma, os achados da pesquisa derivam de um mapeamento dos movimentos disparados pelas in(ter)venções, tendo a escrita como dispositivo que auxilia no exercício de torná-los visíveis. A interpretação destes movimentos se faz a partir de uma posição enunciativa singular, tornando única cada pesquisa.

O trabalho da interpretação

Ítalo Calvino, escritor italiano, diz com suas palavras aquilo que gostaríamos de expressar, ainda que não estejamos falando da literatura *strictu sensu*. Ao analisar a obra de Carlos Emilio Gadda, comenta:

Nos textos breves de Gadda, bem como em cada episódio de seus romances, cada objeto mínimo é visto como o centro de uma rede de relações de que o escritor não consegue se esquivar, multiplicando os detalhes a ponto de suas descrições e divagações se tornarem infinitas. De qualquer ponto que parte, seu discurso se alarga de modo a compreender horizontes sempre mais vastos, e se pudesse desenvolver-se em todas as direções acabaria por abraçar o universo inteiro.¹⁴

Muitas vezes ao olharmos para tudo o que se produziu no campo da pesquisa (entrevistas, diários de campo, filmagens, entre outros) nosso entendimento é de que muito facilmente poderíamos tratar estas produções como os objetos dos romances de Gadda. Cada texto, diálogo, imagem, como centro de uma rede de relações que se multiplica infinitamente. Cabe neste processo não perder a dimensão de onde queremos chegar.

Para o trabalho da interpretação, partimos da perspectiva de Henri Bergson e de Mikhail Bakhtin, preocupados com o ser humano vivo e realizador de atos na vida, agente desde seu lugar único no mundo, "... único enquanto habita o Ser-acontecimento em processo de Ser, o presente *passando*, a realidade em fluxo como um constante *movente*, o tempo em contínuo *devir*..."¹⁵. Bergson e Bakhtin, longe de nos oferecerem um método acabado, indicam algumas pistas que

podem orientar a construção metodológica da pesquisa.

Vemos como coerente que estes autores não nos entreguem nas mãos a chave de uma metodologia que poderia advir de suas teorias. Seria uma incoerência se assim fizessem, na medida em que criticam os esquemas generalizantes que querem abarcar qualquer objeto, independente de sua especificidade. Por outro lado, estes autores ganham consistência metodológica na medida em que oferecem alguns pontos norteadores.

Nossa questão é que, a partir das diferentes produções que apresentamos como material empírico da pesquisa (seja imagens, discursos orais, discursos escritos...) possamos produzir um trabalho ético e dialógico de interpretação. Este trabalho ético e dialógico de interpretação busca desviar das relações de causa e efeito, pois do contrário estaríamos operando no sentido de uma lógica de retrospectivação, como nomeia Bergson, enquanto a forma de operar do pensamento que busca no passado (suposto plano das causas) os elementos que deram origem ao presente (suposto plano dos efeitos causais), para explicá-lo retrospectivamente.

Bergson nos ajuda a compreender o que significa realizar um desvio nas relações lógicas de causas e efeitos ou

lógica da retrospectivação. Para o filósofo, esta lógica está associada à nossa necessidade humana de verdade. Ao constatarmos uma verdade no presente é como se esta, aos nossos olhos, tivesse existido sempre, por mais que ainda não estivesse formulada. Ao estarmos na busca da verdade, nos impregnamos de um valor retroativo dela, que retorna no tempo, na direção que vai do presente para o passado. Logo:

Pelo simples fato de se realizar, a realidade projeta atrás de si sua sombra no passado indefinidamente distante; parece assim ter preexistido, na forma de possível, à sua própria realização. De onde um erro que vicia nossa concepção de passado¹⁶.

Bergson questionará esta afirmação do senso comum, que ele mesmo traz, relativizando-a, na medida em que:

Sempre poderemos vincular a realidade, uma vez efetivada, aos acontecimentos que a precederam e às circunstâncias nas quais ela se produziu; mas uma realidade inteiramente diferente (não *qualquer*, é verdade) ter-se-ia vinculado de modo igualmente adequado a essas mesmas circunstâncias...¹⁷.

Bergson cita, no campo da arte, o exemplo do romantismo, que operou retroativamente sobre o classicismo, fazendo com que identificássemos no último os elementos embrionários que

teriam dado lugar ao primeiro, argumentando que: “Se não tivesse havido um Rousseau, um Chateaubriand, um Vigny, um Victor Hugo, não apenas nunca teríamos percebido, mas também não teria realmente havido romantismo nos clássicos de outrora”¹⁸. É a partir das obras destes artistas que recortamos nos clássicos aspectos que não eram, até então, particularmente visíveis antes do aparecimento do romantismo. É como se pudéssemos passar um feixe de luz sobre este bloco indiviso do passado em que se constituiu o classicismo, e “... as porções iluminadas, assim recortadas no todo segundo contornos tão originais e tão imprevisíveis quanto o desenho de um grande mestre...”¹⁹, resultariam nos fatos explicativos do surgimento do romantismo. O filósofo critica aqueles que acreditam que o futuro possa ser lido no presente, sem acréscimo de novidade, pois já estaria previamente determinado. Também critica a vinculação direta de um determinado presente a um determinado passado, sem que pudesse haver outras relações possíveis. Em oposição a esta lógica, orienta para a busca de novos sentidos, da novidade, desviando de uma perspectiva determinista.

Retornando ao exemplo da pesquisa sobre formação de professores, em que a pesquisadora ocupava ao mesmo tempo a posição de formadora no grupo de

professoras em foco na tese, muito facilmente poderíamos produzir relações de causa e efeito entre as intervenções da pesquisadora-formadora e o modo como as professoras criavam e desenvolviam seu trabalho em sala de aula, com as crianças pequenas. Ou seja, o trabalho de análise poderia girar em torno das intervenções da pesquisadora-formadora como ponto de partida, desenhando as relações com aquilo que as professoras desenvolviam pedagogicamente. Este procedimento poderia nos levar ao ponto criticado por Bergson, a respeito da nossa tendência a produzir relações lineares e retrospectivas, enunciadas como verdades absolutas, que estavam lá prontas para serem reveladas. No entanto, se nosso interesse era trabalhar com o dialogismo e a produção de sentidos na pesquisa, que caminhos poderíamos construir, desviando desta racionalidade linear apontada por Bergson?

Em Bakhtin encontramos algumas reflexões que, em nosso entender, estariam reverberando o problema colocado por Bergson, tensionando-o na mesma direção por este pretendida. Uma possibilidade era olhar para o conjunto de materiais da pesquisa (nesta pesquisa tratava-se da transcrição de diálogos do grupo de professoras e pesquisadora-formadora nas reuniões de formação, além de imagens e textos produzidos pelas professoras) como uma *arquitetônica* constituída desde

diferentes centros de valores e sentidos que se relacionam, se interpenetram, mas não se fundem.

Os materiais da pesquisa traziam em si um coletivo habitado por diferentes centros de valores que marcavam posições enunciativas singulares na composição arquitetônica do grupo de professoras em formação, o qual se reuniu quinzenalmente durante um ano escolar para discussão de metodologias pedagógicas. Para acompanhar aquilo que emergiu da inter-relação destes centros de valores durante os encontros, foi necessário realizar uma escuta da produção enunciativa no grupo, através do trabalho atento de leitura do material empírico.

A compreensão de uma arquitetônica ocorre pela *empatia*. A empatia é um conceito desenvolvido por Bakhtin que nos parece apropriado para discutir o processo da pesquisa em ciências humanas, especialmente quando o pesquisador considerar-se *um* (ou *eu*) na relação com o *outro* que está presente nos enunciados que lê, buscando estabelecer uma relação de empatia com este *outro*. A empatia enquanto movimento de aproximar-se do *outro*, de tentar ver o mundo como o *outro* vê, desde a sua perspectiva, para ser capaz de compreendê-lo desde seu lugar. É claro que nunca é possível ver o mundo exatamente como o *outro* o vê, pois o lugar que o *outro* ocupa

no mundo é sempre único, porém, a tentativa de alcançar este lugar caracteriza o processo empático, que se dá, sobretudo, por aproximação.

Este *outro*, esta alteridade da qual falamos, é entendida, a partir dos estudos de Amorim²⁰, como o interlocutor do pesquisador, “aquele *a quem* ele se dirige em situação de campo e *de quem* ele fala em seu texto”. Para a autora, grande parte do trabalho do pesquisador nas ciências humanas se realiza na relação com a alteridade, na promoção de um encontro com a alteridade na situação de campo e no desafio de trazer este encontro com suas múltiplas vozes para o texto da pesquisa.

Para o pesquisador, ainda que numa posição de afastamento do campo empírico, na etapa de escrita da pesquisa, é possível escutar o *outro* no seu movimento de enunciar no contexto de uma relação. A partir do registros, é possível encetar, pela empatia, um movimento de compreensão criadora (ou interpretação) concernente à posição a partir da qual este *outro* produz seus enunciados, esta empatia que se caracteriza pelo ato de colocar-se, temporariamente, tanto quanto possível no lugar do *outro*, com posterior retorno à sua posição fora dele, para então deixar se manifestar sua voz no texto da pesquisa. Nas palavras de Axt²¹:

[...] Estar o um em relação com o outro,

contrapor-se o um nesta relação com o outro, implica crucialmente compreender o outro, ser capaz de, num ato de auto-renúncia provisória, abandonar seu próprio lugar perspectivado, para num movimento radical de aproximação desse outro centro de valores, ver, ouvir, sentir as intensidades que o afetam: é poder, pela empatia, deixar-se afetar pelo que afeta o outro, num determinado momento. E, pela empatia, ao mesmo tempo responder ao outro (e a si mesmo) afectivamente, responsabilizando-se por esta relação de mútua afetação.

Do ponto de vista da pesquisa, e da atividade de escrita que lhe corresponde, também vemos a memória como potência. É a partir do vivido no contexto de uma relação empática e responsável, que a memória constitui as imagens-lembrança que se prolongam no presente, carregadas de sentidos, fazendo parte de um modo de ver, pelo pesquisador, o evento que estuda. Este evento não enquanto aquilo que passou e que será acessado, mas como fluxo contínuo que segue se desenrolando no pesquisador. Axt²² entende que, na atividade do pesquisador,

[...] A escrita é exercício, é movimento, é duração que não apenas se desenrola em vista de um pretense já-dado (de modo algum dado), mas evolui, muda, transforma...a multiplicação de imagens assim como a multiplicidade de imagens de natureza diferente, oriundas de planos e

tempos diversos, acionadas pelos diferentes trajetos nas atividades de contemplação estética e de escrever agenciam diretamente a imaginação, coleção heterogênea e indizível de imagens em fluxo, desenhando uma miríade de virtualidades a serem conectadas, organizadas entre si ao modo de configurações possíveis, encaminhando uma escrita estético-narrativa que vai se trajetando interpretativa.

Imagens-lembrança que pousam nas palavras do texto da pesquisa, escrita que produz um acabamento a partir do encontro com os enunciados que buscou interpretar, um encontro produtor de sentidos que resulta no texto da pesquisa visto ele próprio como um enunciado interpretativo. Este enunciado interpretativo é escrito na necessária condição de distanciamento do campo empírico, para englobar o campo em um novo contexto, em que é possível interrogá-lo no encontro com nossos quadros teóricos. Este distanciamento não se refere ao distanciamento físico, mas diz respeito ao movimento de tornar de certa forma “estranho” algo que já é tão “familiar”, pela proximidade que adquirimos. Tornar algo que é familiar mais estranho diante de nossos olhos, para poder interrogá-lo, especialmente no que se refere à pesquisa, convoca ao trabalho com conceitos capazes de mover o

pensamento em direções ainda não conhecidas.

Portanto, estamos falando em processos de: (i) implicação no campo empírico da pesquisa, produzindo in(ter)venções singulares que movimentam os dizeres e os fazeres; (ii) construção de uma relação empática com o material empírico, buscando uma leitura dos sentidos produzidos na situação de campo; (iii) no momento da escrita da pesquisa, a realização de um ato de compreensão produtor de novos sentidos, que exige um distanciamento provisório do campo e do material empírico, produzindo um movimento capaz de englobá-los em um novo contexto, o contexto do trabalho teórico e conceitual em que se consolida o exercício de interpretação.

Enunciado e produção de sentidos

Na reflexão sobre o exercício da interpretação evocamos novamente como operador teórico o conceito de *dialogismo* em Bakhtin, para, ao mesmo tempo, considerar: (i) todos os materiais empíricos como registros visíveis das cadeias dialógicas de *enunciados*; (ii) todos os enunciados nas suas conexões responsivas que configuram as relações dialógicas, não enquanto relações deterministas de causa e efeito, mas enquanto relações de sentido. Para Bakhtin²³: “O enunciado é um elo na

cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam de fora tanto quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas”.

Diferentemente das unidades convencionais da língua, como a oração, o enunciado é uma unidade real da comunicação, com propriedades específicas, das quais a oração carece. Bakhtin afirma que,

[...] no âmbito de um mesmo enunciado a oração pode repetir-se (a repetição, a citação de si mesma, o involuntário), mas a cada vez ela é sempre uma nova parte do enunciado, pois mudou de lugar e de função na plenitude do enunciado²⁴.

Dirá ainda que “... dois enunciados alheios confrontados, que não se conhecem e toquem levemente o mesmo tema (ideia), entram inevitavelmente em relações dialógicas entre si. Eles se tocam no território do tema comum, do pensamento comum”²⁵.

As relações dialógicas constituem-se como relações de sentido, sentidos esses que se entrecruzam quando enunciados que partilham do mesmo tema se encontram. O *sentido*...

[...] É potencialmente infinito, mas pode atualizar-se somente em contato com outro sentido (do outro), ainda que seja com uma pergunta do discurso interior do sujeito da

compreensão. Ele deve sempre contatar com outro sentido para revelar os novos elementos da sua perenidade (como a palavra revela os seus significados somente no contexto)²⁶.

A compreensão de um enunciado é realizada a partir de uma produção de sentidos que se estabelece no momento em que se coloca em diálogo, no contexto da pesquisa, o *texto estudado* (material empírico; um discurso analisado) e os *textos que o estudam* (teorias, conceitos, pontos de vista e indagações do pesquisador, que performam um discurso analisante), conforme Amorim²⁷.

Para Bakhtin: “Toda interpretação é o correlacionamento de dado texto com outros textos”²⁸. O olhar interpretativo do pesquisador não tem acesso a um único sentido do texto, mas os sentidos se produzem na medida em que os textos se encontram. Nesta perspectiva dialógica, o pesquisador não está em busca de relações de causa e efeito entre enunciados, tão pouco algo da ordem de um “sentido em si”, literal, fixo, mas está sempre em busca de rastros de sentido, de ressonâncias dialógicas entre enunciados. Desta forma, na pesquisa sobre a formação de professoras da educação infantil e sua relação com a criação no trabalho docente, no processo contrário ao de buscar os efeitos da in(ter)venção da formação na

criação de práticas pedagógicas pelas professoras, operou-se analiticamente para evidenciar relações de sentido entre enunciados da pesquisadora-formadora e das professoras, relações que deram visibilidade ao dialogismo operando nos discursos e nos fazeres de todos os sujeitos envolvidos que compunham a arquitetônica do grupo, em uma relação de mútua afetação, com suas posições e valores em jogo.

Temos como base a noção de que: “A compreensão não é lugar de transparência e saturação do sentido, mas lugar de mediação. Compreende-se sempre sob a forma do processo da palavra, reconstruindo-traduzindo o texto do outro”²⁹. Portanto, o trabalho de interpretação do texto implica dois movimentos, com base em Amorim³⁰: (i) a reconstituição do contexto enunciativo e dialógico em que o texto foi produzido e (ii) a interpretação dos sentidos do texto.

Toda interpretação ou compreensão consiste em opor um enunciado a um outro... O sentido é o produto da relação complexa que se tece entre o texto, objeto de estudo e de reflexão, e o contexto discursivo que o transmite e no qual se realiza o pensamento cognoscente. Aquele que faz ato de compreensão de um texto torna-se ele próprio participante do diálogo. É bom sublinhar que, na situação interativa da pesquisa de campo, as questões colocadas pelo pesquisador

participam das respostas dadas³¹.

A interpretação é aqui entendida como uma “tradução interpretativa não literal” que, segundo Axt³², desvia de uma “... racionalização explicativa em forma de causa e efeito, e segue na direção de um aprofundamento dos sentidos, no encontro com os sentidos do outro”. Nesta linha, interpretação é compreensão, e compreensão é sempre compreensão criadora (empática e responsável). Esta forma de conceber vislumbra a produção do texto de pesquisa tal como um mapa de viagem. Um tipo de mapa onde se identificam diversos pontos de referência, pontos em conexão que desenham a história de um lugar sobre a sua geografia. Não importa começar pelo norte ou pelo sul, leste ou oeste, quem sabe pelo centro. Não importa o deslocamento de leste a norte, ou de sul a oeste, deixando o centro para o fim. O que importa é passar pelos pontos, sendo capaz de estabelecer conexões produtoras de sentidos ao lugar da viagem.

A ética na pesquisa dialógica

Para pensar a questão ética na pesquisa dialógica, lembrando que durante nosso artigo a ética foi um conceito-chave, partimos da concepção de Bakhtin ao defender que o ato ético é um ato

participativo, não-indiferente com a realidade do evento da vida em processo de ser. O ato ético é todo aquele ato que se baseia no reconhecimento da obrigatoriedade singularidade da nossa existência, o que nos responsabiliza a assumir uma posição e assiná-la. Não há alibi para justificar nossa indiferença, para justificar o fato de não participarmos da vida completando-a com aquilo que encontramos em, ou vislumbramos de nossa posição única. Ao existir, estamos comprometidos eticamente com o *outro*.

A ética está presente em todas as esferas da vida. O poeta que enriquece o mundo com a beleza das palavras, age eticamente, doa de si para o mundo. Sua criação estética é ética, sua autoria é ética, porque recebe a sua assinatura, a assinatura de seu lugar singular que oferece uma visão de mundo ao leitor.

Em *Para uma filosofia do ato responsável* (2010), Bakhtin fala daquilo que nos obriga. Não são as normas ou leis universais que nos obrigam, que nos comprometem eticamente. A nossa maior fonte de responsabilidade vem do reconhecimento de nossa singularidade. Somos responsáveis inclusive pelo ato de pensar, pois:

Cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos atos de que se compõe a

minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato completo...³³.

Bakhtin defende a impossibilidade de álibi na existência, pois desde o lugar único que ocupamos, estamos comprometidos com o *outro*. Esta singularidade que nos constitui não é uma questão de escolha, é uma obrigatoriedade, enquanto condição intrínseca ao ser humano: “... ocupo no existir singular um lugar único, irrepitível, insubstituível e impenetrável da parte de um outro. Neste preciso ponto singular no qual agora me encontro, nenhuma outra pessoa jamais esteve no tempo singular e no espaço singular de um existir único”³⁴.

A não-indiferença na relação com o *outro* afirma a potência de uma singularidade participante, uma singularidade que se reconhece como tal e que se responsabiliza pelo lugar que ocupa no mundo. O *eu* completa e é completado na relação com a alteridade, não existindo álibi para justificar sua ausência nesta relação. Para Bakhtin: “Viver uma experiência, pensar um pensamento, ou seja, não estar, de modo algum, indiferente a ele, significa antes afirmá-lo de uma maneira emotivo-volitiva”³⁵.

Aquele que reconhece seu lugar único e pensa participativamente, pensa

um pensamento não-indiferente, um pensamento valorado, com entonação, um pensamento ético. Para Bakhtin, cada pensamento é um ato. Portanto: “Um pensamento participativo é precisamente a compreensão emotivo-volitiva do existir como evento na sua singularidade concreta, sob a base do não-álibi no existir. Isto é, um pensamento que age e se refere a si mesmo como único ator responsável”³⁶. A questão do pensamento é uma das questões centrais em *Para uma filosofia do ato responsável*. A questão é: “em que condições um pensamento teórico pode ser ético?”, conforme Amorim³⁷. Um pensamento teórico pode ser ético quando é pensado ativamente, de modo não-indiferente, quando se torna ato reconhecido e assinado.

Esta filosofia do ato responsável apresenta fortes implicações sobre a questão do conhecimento teórico e da pesquisa. Conforme Amorim³⁸:

Uma teoria verdadeira, ao virar ato, isto é, ao ser pensada por alguém singular e único, vira ética. E pode, assim, completar sua verdade universal com a verdade singular a que Bakhtin chama de *pravda*. Somente assim completada, a palavra da teoria se torna plena. O conhecimento sem ato é um dado abstrato e parcial.

Pravda é uma palavra russa, que se refere à questão da verdade e do

conhecimento, assim como a palavra *istina*, porém com significados diferentes, mas complementares, não opostos. A verdade *istina* é uma forma de verdade que diz respeito às leis universais, ao conteúdo extra-temporal de uma teoria. Enquanto a verdade *pravda* é uma verdade singular, reconhecida, assinada e validada em um contexto particular. Esta verdade tem origem em um pensar participativo, um pensar que não nega seu dever de pensar e doar algo que é inerente à sua posição na vida, que possibilita pensar um pensamento situado, com entonação, que expressa uma posição valorativa.

A verdade *pravda* completa a verdade universal *istina* com aquilo que não é idêntico nem repetível, com aquilo que possui as marcas de um contexto, e que nem por isso deixa de entrar na esfera da verdade e do conhecimento. O encontro entre *pravda* e *istina* é o encontro entre aquilo que pode ser generalizado e aquilo que é singular. Este encontro marca a possibilidade de comunhão entre o mundo da teoria, com seus sistemas e conceitos, e o mundo da vida, com sua singularidade e imprevisibilidade, com seus contextos plurais e moventes que também podem ser objeto do pensamento.

O ato responsável é visto por Bakhtin como sendo absolutamente situado, o que conduz a uma concepção de ética que não pode estar desvinculada dos

contextos de realização do ato. Enquanto pensada em relação ao ser em processo de devir, à vida em fluxo contínuo, aberta à transitividade, a ética não é tomada como objeto de abstração teórica em direção a proposições universais. Opera-se com o entendimento de que a atitude ética passa pela tomada de uma posição integralmente assumida e que é norтеada pela especificidade da vida.

Se o ato ético é um ato participativo, não-indiferente, o ato ético na pesquisa é um ato que, além do comprometimento com o conhecimento, está comprometido com a vida em processo de ser, com a vida em movimento no contexto investigativo, com as pessoas participantes, que longe de serem objetos mudos, são sujeitos vivos e falantes. O pesquisador implicado assume uma posição ética e comprometida, entende a pesquisa e cada uma de suas in(ter)venções como ato responsável, ato único, irrepitível, que carregará sua assinatura e sua posição axiológica.

O texto da pesquisa, portanto, se torna mais uma voz a enunciar desde uma posição única que possibilita ao pesquisador ver o evento que estuda no diálogo com seus autores de referência, produzindo sentidos e verdades provisórias, na transitividade entre *pravda* e *istina*, entre o singular e o universal, entre os caminhos ondulados da objetividade e da subjetividade do

pesquisador. Um texto que se faz na tensão entre aquilo que pode ser considerado como acabado e uma realidade movente continuamente produtora de novidades que desafiam nossas conclusões, afirmam o inacabamento do mundo e a necessidade constante da instauração de sentidos interpretativos outros.

Notas

¹ Henri Bergson é conhecido como um pensador do *tempo*, que refunda nossas concepções de passado, presente e futuro. As suas obras criticam uma visão “especializada” do tempo, principalmente no campo da filosofia e da ciência. Sua preocupação se orienta para a criação de conceitos mais conectados à vida em movimento, desviando de uma lógica determinista, que tudo quer prever e medir. Suas obras, com uma nova visão da filosofia e do seu método, foram inspiradoras de filósofos paradigmáticos do século XX, como Gilles Deleuze.

² Mikhail Mikhailovich Bakhtin é mais conhecido como um pensador das questões da linguagem e da teoria literária, pela densidade de conceitos originalmente formulados em seus estudos, como *dialogismo* e *polifonia*. Mas nos últimos anos temos acesso a uma visão mais abrangente de Bakhtin, com a publicação de um texto de sua autoria que expõe um

filósofo preocupado com a questão ética para além das indagações estéticas, no âmbito da vida em suas arquitetônicas nos processos de vir-a-ser. Este texto é “Para uma filosofia do ato responsável”.

³ Bergson, 2006.

⁴ O conceito varia, do ponto de vista da teoria bakhtiniana, conforme a tradução utilizada, mas *Ser-evento* e *existir-evento* tem o mesmo significado.

⁵ Bakhtin, 2010.

⁶ Bergson, 2006, p. 11.

⁷ Silveira, 2014.

⁸ Esta pesquisa de doutorado estava vinculada a um projeto de pesquisa-extensão, o projeto Civitas, desenvolvido pelo Laboratório de Estudos em Linguagem, Interação e Cognição (LELIC) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É uma característica deste grupo de pesquisa o desenvolvimento de um trabalho extensionista em educação, vinculado à inserção dos pesquisadores em escolas públicas de educação básica, realizando a formação de professores com o objetivo da abertura de um espaço para o pensamento e para a invenção de práticas pedagógicas pelos professores, passando pelas tomadas de posição e de decisão frente ao currículo. Esta é a face extensionista do grupo LELIC, que une as práticas da pesquisa e da extensão, pela via da formação. Os pesquisadores vinculados ao grupo realizam suas pesquisas nos

contextos onde trabalham, nas escolas, como formadores.

⁹ Axt, 2008, p. 96.

¹⁰ *ibid*, p. 98.

¹¹ *ibid*, p. 91.

¹² Axt, 2008, p. 102.

¹³ *ibid*, p. 99.

¹⁴ Calvino, 1990, p. 122.

¹⁵ Axt, 2011a, p. 50.

¹⁶ Bergson, 2006, p. 17.

¹⁷ *ibid*, p. 17.

¹⁸ *ibid* p. 18.

¹⁹ *ibid*, p. 20.

²⁰ Amorim, 2004, p. 22.

²¹ Axt, 2011a, p. 52.

²² Axt, 2011b, p. 114.

²³ Bakhtin, 2003, p. 300.

²⁴ *ibid*, p. 313.

²⁵ *ibid*, p. 320.

²⁶ *ibid*., 2003, p. 382.

²⁷ Amorim, 2004.

²⁸ Bakhtin, 2003, p. 400

²⁹ Amorim, 2004, p. 48.

³⁰ *Ibid*.

³¹ *ibid*, p. 190

³² Axt, 2008, p. 98

³³ Bakhtin, 2010, p. 44.

³⁴ Bakhtin, 2010, p. 96.

³⁵ Bakhtin, 2010, p. 87.

³⁶ *ibid*, p. 102.

³⁷ Amorim, 2009, p. 21.

³⁸ *ibid*, p. 23.

Referências

Amorim, Marília. Para Uma Filosofia do Ato: “válido e inserido no contexto”. In: Brait, Beth (org.). Bakhtin, Dialogismo e Polifonia. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. O Pesquisador e seu Outro: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.

Axt, Margarete. Mundo da Vida e Pesquisa em Educação: ressonâncias, implicações, replicações. In: Revista Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 46, n. 1, jan./mar., 2011a.

_____. Trajetos-Imagens: por uma cronotopia dos sentidos na pesquisa. In: Zanella, Andréa Vieira; Tittoni, Jaqueline (Orgs). Imagens no Pesquisar: experimentações. Porto Alegre: Dom Quixote, 2011b.

_____. Do Pressuposto Dialógico na Pesquisa: o lugar da multiplicidade da formação (docente em rede). In: Informática na Educação: teoria & prática. Porto Alegre, v. 11, nº. 1, p. 91-104, jan./jun., 2008.

Bakhtin, Mikhail. Para uma Filosofia do Ato Responsável. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Albero Faraco. 2ª edição. São Carlos: Pedro e João, 2010.

_____. Estética da Criação Verbal. Tradução de Paulo Bezerra. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Bergson, Henri. O pensamento e o Movente: ensaios e conferências. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Calvino, Ítalo. Seis Propostas para o Próximo Milênio. Tradução de Ivo Barroso. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Silveira, Paloma Dias. Exercício estético-filosófico na formação continuada de professores. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

Paloma Dias Silveira. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E-mail: paloma.dias@gmail.com

Margarete Axt. Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E-mail: maaxt03@gmail.com

Enviado em: 07/08/2014 – **Aceito em:** 13/08/2014
